

I

28 de Agosto

O carreiro abria-se ao longo da falésia. Era ladeado por calaminas em flor e nebulosas um tanto murchas cujas pétalas enegrecidas juntavam o chão. Insectos pontiagudos tinham enchido o chão de mil e um buraquinhos; debaixo dos pés, parecia uma esponja morta de frio.

Jacquemort caminhava sem grandes pressas e olhava para as calaminas cujo coração vermelho escuro pulsava ao sol. A cada pulsação levantava-se uma nuvem de pólen que depois tombava sobre as folhas agitadas por um lento estremecimento. As abelhas, distraídas, vagueavam.

Do sopé da falésia erguia-se o marulho suave e rouco das ondas. Detendo-se, Jacquemort debruçou-se sobre o estreito parapeito que o separava do vazio. Lá em baixo, tudo era longínquo, a pique, e a espuma tremia no recôncavo das rochas como uma geleia de Julho. Cheirava a alga assada nas brasas. Tomado de vertigem, Jacquemort ajoelhou-se na erva terrosa do Verão, tocou no chão com as duas mãos espalmadas; deparando, graças a este gesto, com caganitas de cabra de contornos singularmente irregulares, concluiu da presença, entre esses animais, de um bode de Sodoma cuja espécie julgava desaparecida.

Como já sentia menos medo, ousou debruçar-se novamente sobre a falésia. Grandes lances de rocha vermelha caíam verticalmente na água pouco profunda, da qual não tardavam a sair para darem lugar a uma falésia vermelha, na crista da qual Jacquemort, de joelhos, se debruçava.

Recifes negros emergiam a espaços, oleados pela ressaca e coroados por um halo de vapor. O Sol corroía a superfície do mar e sujava-a de obscenos «graffitti».

Jacquemort levantou-se, prosseguiu no seu caminho. Havia uma curva. Viu, à esquerda, fetos já meio rubros e urze em flor. Sobre as rochas desnudas, brilhavam cristais de sal trazidos pela ressaca. Mais para o interior, o solo erguia-se em escarpada encosta. O carreiro contornava brutais massas de granito negro, rodeado, aqui e além, por mais caganitas de cabra. Das cabras, nem rasto. Os fiscais matavam-nas, por causa das caganitas.

Acelerou o passo, e viu-se, de repente, à sombra, pois os raios do Sol não conseguiam acompanhá-lo. Aliviado com o fresco, cada vez caminhava mais depressa. E as flores de calamina passavam, numa fita contínua de fogo, à frente dos olhos.

Por certos e determinados indícios, percebeu que já estava perto e tomou o cuidado de pôr em ordem a barba ruiva cortada em bico. Após o que recomeçou jovialmente a andar. Divisou, por momentos, a Casa, por inteiro, entre dois picos de granito, talhados pela erosão em forma de chucha, os quais enquadravam o carreiro como pilares de uma gigantesca poterna. Havia outra curva, perdeu-a de vista. A Casa estava bastante distante da falésia, alcandorada lá muito no alto. Quando passou entre os dois blocos escuros, desmascarou-se totalmente, alvíssima, rodeada por insólito arvoredo. Uma linha clara destacava-se do portão, serpenteava indolentemente sobre o cabeça e vinha juntar-se, cá no fim, ao carreiro. Uma vez chegado perto da ladeira, desatou a correr, pois ouvia gritar. Desde o portão, aberto de par em par, até ao patamar da casa, uma mão providente estendera uma faixa de seda vermelha. Essa faixa subia a escada, ia dar ao quarto. Jacquemort seguiu-a. Em cima da cama, repousava a mãe, entregue às cento e treze dores do parto. Jacquemort deixou cair o estojo de couro, arregaçou as mangas a ensabou as mãos numa selha de lava bruta.

II

Sozinho no quarto, Angel admirava-se de nada sofrer. Ouvia, ao lado, a mulher gemer, mas não podia ir apertar-lhe as mãos porque ela o ameaçava com o revólver. Preferia gritar sem ninguém ao pé, pois odiava a sua enorme barriga e não queria que a vissem naquele estado.

La para dois meses que Angel ali estava sozinho, à espera que aquilo terminasse; meditava em ínfimos assuntos. Também andava frequentemente à roda, por ter lido, em reportagens, que os prisioneiros andam à roda, como animais. Mas que animais seriam? Dormia e tentava dormir, a pensar no rabo da mulher, pois, dada a barriga que tinha, preferia pensar nela de costas. Noite sim, noite não, acordava em sobressalto. O mal, em geral, já estava feito, e não era mesmo nada satisfatório.

Os passos de Jacquemort ressoaram pelas escadas acima. Ao mesmo tempo, pararam os gritos da mulher e Angel sentiu-se varado de espanto. Aproximando-se de mansinho da porta, tentou ver, mas o pé da cama tapava tudo e, assim, torceu dolorosamente o olho direito sem resultados apreciáveis. Ergueu-se e apurou o ouvido, para ninguém em especial.

III

Jacquemort pousou o sabonete na beira da selha e agarrou na toalha turca. Enxugou as mãos e abriu o estojo. Próximo, num recipiente eléctrico, gorgolejava a água. Jacquemort esterilizou a dedeira onde enfiou habilmente o dedo, e destapou a mulher para ver o que se passava.

E, como tivesse visto, ergueu-se e disse com ar enojado:

— São três.

— Três... — murmurou, espantada, a mãe.

E logo recomeçou a berrar, pois a barriga lembrou-lhe, de repente, que sentia imensas dores.

Jacquemort tirou do estojo uns quantos comprimidos fortificantes e engoliu-os, que bem precisos lhe eram. Depois, agarrando numa botija de metal, bateu com ela no chão, com toda a força, para chamar a criada. Ouviu uma correria em baixo, e a seguir barulho na escada. Apareceu a ama, vestida de branco como se fosse para um enterro chinês.

— Prepare os instrumentos — disse Jacquemort. — Como é que se chama?

— Chamo-me Culblanc¹, «sor» — respondeu ela, com uma acentuada pronúncia saloia.

— Nesse caso, acho preferível não lhe chamar nada — resmungou Jacquemort.

A rapariga, sem dar resposta, pôs-se a polir umas coisas quaisquer niqueladas. Ele aproximou-se da cama. Mas, de repente, a mulher calou-se. A dor violava-a.

Jacquemort tirou um instrumento do estojo e, com mão destra, rapou-lhe o púbis. Em seguida, com um risco de tinta branca, circuncreveu o campo da operação. A ama contemplava estas manobras, um tudo nada estupefacta, pois os seus conhecimentos de obstetrícia não iam além do que aprendera a ver parir as vacas.

— Tem aí um *Larousse* médico? — perguntou Jacquemort, enquanto arrumava o pincel.

Dito isto, e feito, inclinou-se sobre a sua obra, e soprou, para a pintura secar mais depressa.

— Só tenho o *Catálogo Geral da Manufactura Francesa de Armas e Velocípedes de Saint-Étienne* — respondeu a ama.

— Que maçada! — disse Jacquemort. — Talvez nos pudesse dar alguma informação.

Sem ouvir a resposta dela, deixou que os olhos lhe errassem ao acaso pelo compartimento e acabou por poisá-los na porta por detrás da qual Angel se chateava à farta.

— Quem é que está chateado atrás daquela porta? — perguntou ele.

— É o senhor... — respondeu a ama. — Está ali fechado.

A mãe, nesse momento, despertou do seu torpor e soltou uma série de gritos agudíssimos. Os punhos crispavam-se e descontraíam-se, sucessivamente. Jacquemort voltou-se para a ama:

— Tem aí uma bacia? — perguntou ele.

— Vou já buscar — respondeu a ama.

— Despache-se, estúpida criatura — disse Jacquemort. — Ou quer que ela nos dê cabo de um par de lençóis?

Ela saiu de roldão e Jacquemort, para grande satisfação sua, ouviu-a estampar-se pelas escadas abaixo.

Aproximou-se da mulher. Acariciou-lhe com ternura o rosto aterro-rizado. Ela agarrou-lhe no pulso com as duas mãos crispadas.

— Quer ver o seu marido? — perguntou-lhe ele.

— Oh, sim! — respondeu ela. — Mas primeiro dê-me o revólver que está ali no guarda-fato...

Jacquemort acenou com a cabeça. A ama voltou, munida de uma tina oval, de dar banho aos cães.

— É tudo quanto tenho — disse ela. — Tem que se contentar com isto.
— Ajude-me a meter-lha debaixo dos rins — disse Jacquemort.
— Tem o rebordo afiado — observou a ama.
— Pelos vistos — opinou o outro —, é a forma de as castigar.
— Isso não faz sentido — resmungou a ama. — Ela não fez mal nenhum.

— E o que é que fez de bem?

As pesadas costas da mãe descansavam sobre o rebordo da bacia pouco funda.

— E agora — suspirou Jacquemort —, como é que se faz? Isto não é trabalho para um psiquiatra...

IV

Interrogava-se, cheio de dúvidas. A mulher tinha-se calado, e a criada, imóvel, olhava para ela com uma cara totalmente inexpressiva.

— Tem de perder as águas — disse ela.

Jacquemort, sem reagir, aprovou. Depois, impressionado, ergueu a cabeça. A luz esmorecia.

— É o Sol a pôr-se? — perguntou ele.

A criada foi ver. O dia voava por detrás da falésia e acabava de se levantar uma brisa silenciosa. Ela voltou, inquieta.

— Não sei o que é que se passa... — murmurou.

No quarto, a única coisa visível era uma certa fosforescência em volta do espelho da chaminé.

— Vamo-nos sentar e esperar — sugeriu Jacquemort, com voz branda.

Vinha, da janela, um cheiro acre a erva e a poeira. O dia desaparecera por completo. E no sombrio recôncavo do quarto, a mãe desatou a falar.

— Não hei-de ter mais nenhum — disse ela. — Não quero mais nenhum, nunca mais.

Jacquemort tapou os ouvidos. A voz dela soava a unhas a arranhar cobre. A ama, aterrorizada, soluçou. Aquela voz invadia a cabeça de Jacquemort e retalhava-lhe o cérebro.

— Vão sair — disse a mãe, com um riso sarcástico. — Vão sair e fazer-me doer, e isto é só o começo.